

## PATRONO

Tristão de Alencar ARARIPE JÚNIOR. Nasceu em Fortaleza, no dia 27 de junho de 1848, e faleceu no Rio de Janeiro, em 29 de outubro de 1911. Era filho do conselheiro Tristão de Alencar Araripe e Argentina de Alencar Araripe. Seus avós, em linha varonil, foram o malogrado Presidente da República do Equador, Tristão Gonçalves, e Ana Triste Araripe. Aos seis anos de idade residiu em Bragança, Pará; aos oito, em Vitória, Espírito Santo. Aos 12 anos estava cursando o Colégio Bom Conselho e, a seguir, freqüentou os cursos da Faculdade de Direito do Recife, onde colou grau de bacharel com apenas 21 anos de idade. No ano de sua formatura, 1869, foi nomeado Secretário do Governo da Província de Santa Catarina, cargo de que se exonerou em fins de 1871. Transferindo-se para o Ceará, foi designado para ocupar o Juizado Municipal de Maranguape, onde permaneceu de 1872 a 1875. Elegeu-se Deputado Provincial em dois biênios. Começos de 1880, mudou-se para o Rio de Janeiro, dedicando-se, de princípio, ao jornalismo e à advocacia. Em 1886 empregou-se como Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, para em seguida ocupar o cargo de Diretor-Geral da Diretoria do Interior do Ministério da Justiça. Criada a Consultoria Geral da República, em 1903, foi designado para exercê-la; nela ficou até falecer. Criada a Academia Brasileira de Letras, a qual ajudou a fundar, coube-lhe a Cadeira nº 16, cujo Patrono, Gregório de Matos, seria por ele estudado num ensaio definitivo. Em 1893 entrou para o Instituto Histórico Brasileiro. Sua obra de crítico, romancista, contista, publicista é extensa e profunda. Mas a crítica literária foi a sua vocação específica. O ensaio sobre José de Alencar, o volume sobre Gregório de Matos, a série de artigos (*in Novidades*, Rio) sobre Raul Pompéia, e, sobretudo, a sua obra sobre a tragédia e o teatro ibsenianos dão a idéia da estrutura intelectual de Araripe Júnior. O seu *Ibsen* é obra de grande fôlego e antecipou alguns dos aspectos da crítica sobre Ibsen e Dostoievski, não só no Brasil, como

na Europa. Na conferência que Múcio Leão pronunciou no curso de crítica da Academia Brasileira de Letras, a 18 de agosto de 1955, disse causar-lhe estranheza “como até agora (o *Ibsen*) não foi mandado traduzir para todas as línguas civilizadas e difundido pelos países cultos do mundo”, pois é talvez em nossas letras “a obra que mais alta idéia poderia dar lá fora do espírito brasileiro — uma idéia provavelmente falsa, por ser bela demais, como a que dava outrora de nossa gente, nos Estados Unidos, o mais belo dos nossos embaixadores, Joaquim Nabuco”. A Casa de Rui Barbosa reuniu a sua obra crítica em cinco volumes. Sua atividade literária no Ceará está quase toda nas páginas do jornal *Constituição* — os primeiros romances, as crônicas, os primeiros estudos. Em *Fraternidade* está a sua conferência sobre *O Papado*. Publicou: Ficção — *Contos Brasileiros*, 1868; *O Ninho do Beija-Flor*, 1874; *Jacina e Marabá*, 1875; *Luisinha*, 1878; *A Casinha de Sapê*, 1872; *O Reino Encantado*, 1878; *Xico Melindroso*, 1882; *Miss Kate*, 1909; Crítica: *Carta Sobre a Literatura Brasileira*, 1869; *José de Alencar*, 1882; *Dirceu*, 1890; *Gregório de Matos*, 1893; *Don Martin Garcia Mérou*, 1895; *Movimento Literário de 1893*, 1896; *Ibsen*, 1911. Diversos: *O Papado*, 1874; *Função Normal do Terror nas Sociedades Cultas*, 1891; *Deteriora Sequor*, 1894; *Diálogos das Novas Grandezas do Brasil*, 1909; *Pareceres*, 1911-13; *Esparsa* (principais): *A Terra de Zola e o Homem de Aluizio Azevedo* (23 artigos *in Novidades*), 1888; *Raul Pompéia, o Ateneu e o Romance Psicológico* (21 artigos, *idem*), 1888-89; *Silvio Romero, Polemista* (6 artigos *in Revista Brasileira*); *Anchieta (O País)*, 1879, Machado de Assis (*in Revista Brasileira*), 1895. Seus prefácios e seus artigos em jornais do Recife, de Belém, de Fortaleza, do Rio de Janeiro são numerosos.

## 1º OCUPANTE

CURSINO BELÉM de Figueiredo. — Ver *Cadeira nº 31*.

## 2º OCUPANTE

José da CRUZ FILHO. — Ver *Cadeira nº 30*.